

O BRASIL VISTO PELA IMPRENSA EUROPÉIA: BRASILIANISMO, SAMBA E O BRICS*

INTRODUÇÃO

Cada país ou cultura cria sua própria imagem. Mas há também imagens criadas para eles pelo restante do mundo, particularmente pela mídia internacional. Atualmente, os dois processos são mutuamente dependentes. A mídia frequentemente reflete a imagem projetada pelo país em questão. E as sociedades também podem, conscientemente ou inconscientemente, adotar perspectivas ou análises que vêm de fora, alterando, assim, o modo como eles próprios se percebem. Isso pode, às vezes, ter um efeito pernicioso, levando as pessoas a distorcer ou desvalorizar sua própria cultura, o que, por sua vez, pode minar a identidade e a confiança em âmbito pessoal, coletivo e nacional.

O educador e crítico canadense Marshall McLuhan ajudou a sociedade pós-moderna a entender o poder que a mídia possui de influenciar as idéias das pessoas e suas visões sobre elas mesmas. Na aldeia globalizada em que nós

JONATHAN FRYER**

RESUMO

O autor aborda a maneira como o Brasil é mostrado pela mídia européia, o que denomina Brazilianismo. Ao Brazilianismo Fryer associa não só a distorção da realidade brasileira para o público europeu – o Brasil é interpretado como exótico e atrasado –, mas, também, uma influência negativa sobre o modo como se vêem os próprios brasileiros. Nas palavras do autor, “o Brazilianismo reforça a inegável auto-percepção entre muitos brasileiros de que o país é incuravelmente limitado sob vários aspectos culturais e sociais, o que o impede de entrar para o topo do ranking das nações do mundo”. Finalizando, considera que essa imagem do Brasil na Europa está mudando.

ABSTRACT

The author analyzes the manner in which Brazil is shown in the European media which he calls Brazilianism. Together with Brazilianism Fryer associates the distortion of Brazilian reality to the European public – Brazil is shown as exotic and backward – but also is a negative influence on the way the Brazilians themselves. In the authors own words, “Brazilianism reinforces the undeniable self-perception amongst many Brazilians that the country is incurably handicapped by various aspects of its culture and society, which prevent it entering the top rank of world nations”. Ending up he judges that this image of Brazil is changing in Europe.

* Conferência proferida para o Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, Brasil, em 17 de abril de 2008.

** O escritor, conferencista e locutor Jonathan Fryer (M.A., Oxon) é autor de uma dúzia de livros de não-ficção e tem informado sobre o mundo, principalmente para a emissora BBC. Atualmente, Fryer profere palestras em tempo parcial na London University’s School of Oriental and African Studies (SOAS).

seres humanos vivemos agora, o meio é a mensagem, como ele celebrenemente disse. Ainda penso como McLuhan – caso ele estivesse vivo hoje – que é espantoso o grau no qual a realidade é então registrada na consciência das pessoas; não diretamente como algo experimentado empiricamente, mas indiretamente, através da mídia. Para algumas pessoas, o que elas vêem na televisão é mais real, mais verdadeiro, do que muito do que acontece em suas vidas cotidianas. Pessoas não pegam apenas informações da mídia, incluindo a *Internet*, mas também impressões e opiniões. Esse é especialmente o caso em relação a países estrangeiros que o leitor ou telespectador nunca visitou pessoalmente.

O teórico literário palestino-americano Edward Said destacou os perigos postos ao mundo árabe, em particular, pela aceitação passiva de algumas idéias de estrangeiros das realidades árabes, tanto atual como histórica. Britânicos e franceses notadamente formu-

laram uma visão de que o Norte da África e o Oriente Médio eram ambos ‘exóticos’ e ‘atrasados’. Essa visão se refletia não apenas no jornalismo contemporâneo europeu, mas também na literatura e arte. Dos poemas de Pierre Louys e novelas de Pierre Loti às telas de pintores como David Roberts e Eugène Delacroix, o mundo árabe era interpretado e comunicado da maneira Orientalista. Said abordou longamente o fenômeno no seu conhecido livro *Orientalismo*. Um dos argumentos centrais nesse trabalho é que os poderes europeus se agarraram ao suposto atraso do mundo árabe e à pretensa incompatibilidade do Islamismo com o progresso e o desenvolvimento, a fim de justificar não apenas o domínio do período colonial europeu, mas também sua continuidade no mundo pós-colonial. A inferência da perspectiva Orientalista era a de que havia alguma coisa deficiente em relação ao mundo árabe, e que este precisava, portanto, adotar conceitos e práticas européias se fosse para ter alguma esperança de um futuro brilhante. Hoje podemos ver os Estados Unidos engajados numa auto justificativa semelhante, na tentativa de impor conceitos, valores e práticas americanas por todo o mundo árabe e além, enquanto muito da mídia ocidental demoniza o Islamismo. O Orientalismo vive!

A premissa central desta conferência é minha afirmação de que uma forma de Brazilianismo também existe. Devo sustentar que esse Brazilianismo, como apresentado pela mídia européia, de modo semelhante, distorce a realidade do Brasil. Isso não apenas dá uma imagem falsa do país para o público europeu, mas também às vezes afeta negativamente o modo como os brasileiros se enxergam, assim como o potencial futuro do país. É claro, os brasileiros têm a tradição de se enxergarem sardonicamente. Estou certo que todos vocês conhecem a velha

piada segundo a qual “O Brasil é o país do futuro – e sempre será!” Acredito que o Brazilianismo reforça a inegável auto-percepção entre muitos brasileiros de que o país é incuravelmente limitado sob vários aspectos culturais e sociais, o que o impede de entrar para o topo do *ranking* das nações do mundo. Assim como no Orientalismo, no Brazilianismo há tanto uma desvalorização quanto uma distorção das realidades. O Brasil, assim como o Leste dos Orientalistas, é percebido pelos europeus Brazilianistas como exótico e atrasado. Essa percepção pode ser um estorvo para o desenvolvimento e progresso do país, especialmente quando é incorporada na visão dos próprios brasileiros.

A fim de melhor entender a natureza do Brazilianismo e seu poder injusto, vamos considerar alguns dos estereótipos que certamente são fortes imagens da apresentação do Brasil na mídia européia, e deste modo na consciência do homem europeu comum. Devo focalizar quatro, embora certamente haja outros; peço desculpas aos fãs de futebol, pois não incluirei “o belo jogo”.

Primeiro e principalmente, há a denominação do Brasil como o país do samba, ressaltado, em particular, todo mês de fevereiro durante o carnaval do Rio de Janeiro. Agora, vocês e eu sabemos que o carnaval do Rio não é nem típico do resto dos carnavais do Brasil, sem falar do que é típico da vida cotidiana no país. Mas, ano após ano, os principais jornais e emissoras de televisão europeus destacam o carnaval do Rio de Janeiro, que ocorre durante um tempo muito escuro, frio e triste, o inverno europeu; então, aparece como um bem-vindo raio de sol. Segundo, a imagem do Brasil que muitos europeus têm é de uma terra de fantasia, de costumes extravagantes, mulheres lindas e seminuas e travestis escandalosos. Além disso, assim como os Orientalistas no final do

século XIX retrataram a Argélia como uma terra de sensualidade desenfreada, também os Brazilianistas apresentam o Brasil como a terra da promessa sexual sem limites. O fato de uma significativa minoria de jovens brasileiras em Londres, Paris e Roma ter se voltado para a prostituição, como forma de sobrevivência nessas capitais européias caras, apenas tem ajudado a reforçar o mito da luxúria e disponibilidade tropical.

As autoridades turísticas brasileiras têm compreensivelmente tentado, com frequência, capitalizar o libertino apelo do samba e do carnaval para encorajar mais estrangeiros a visitar o Brasil. Ultimamente, fico feliz em dizer, tem havido, no entanto, um grande esforço para promover o verdadeiro Brasil através de campanhas publicitárias na mídia européia, sublinhando a extraordinária diversidade que existe no país, assim como suas riquezas culturais e ambientais.

O segundo e muito pior estereótipo é a noção do Brasil como um país de violência descontrolada. O Brasil aparece mais frequentemente nas notícias de jornais da Europa quando há mortes violentas, por exemplo, durante as rebeliões em penitenciárias em que pessoas sofrem destinos horríveis; ou então tiroteios entre polícia e traficantes de drogas nas favelas do Rio de Janeiro ou São Paulo; ou quando turistas estrangeiros estúpidos o suficiente para andar pela praia de Copacabana tarde da noite são assaltados. Sabemos, sim, que esses crimes acontecem e é importante que eles sejam conhecidos e reportados, não apenas na mídia local. O perigo consiste em eles serem vistos como a norma. Claro, alguém sendo baleado enquanto está sentado no seu carro no semáforo tem muito mais valor como notícia do que alguém que vai diariamente para o seu trabalho sem que nada terrível lhe aconteça. Mas, essas histó-

rias de “más notícias” precisam ser balanceadas com “boas notícias”, se é para que as pessoas tenham uma impressão correta do país em questão.

A terceira imagem estereotipada do Brasil na mídia européia é que este é um país de grande desigualdade econômica, em meio à qual a grande maioria das pessoas vive em terrível pobreza. Há um elemento de verdade em todos os estereótipos, e certamente este é o caso. O Brasil tem uma das maiores discrepâncias entre ricos e pobres no mundo, e o contraste entre o Nordeste empobrecido e o Sul do país mais opulento é impressionante. Porém, o retrato não é tão preto-e-branco como aparenta. Uma favela como a Rocinha, no Rio de Janeiro, possui muitas pessoas morando abaixo da linha de pobreza, e há problemas com drogas e crime armado. Contudo, há aspectos positivos nessas comunidades também.

Nos anos 1970, cientistas sociais da América Latina escreveram sobre “favelas da esperança”, relatando que famílias apostaram em uma reivindicação informal, relativa ao terreno no qual construíram suas acomodações na favela. Se o devido título da terra e um grau de infra-estrutura, como água e eletricidade, fossem então providos, esses barracos poderiam tornar-se comunidades dinâmicas e um importante trampolim em direção a uma vida melhor para seus habitantes. De modo semelhante, padres radicais da Igreja Católica Romana, como Leonardo Boff e outros Teólogos da Libertação, desenvolveram estratégias através da fundação de “comunidades de base”, tentando contribuir para que pessoas pobres assumissem o controle de suas vidas. Contudo, a mídia conservadora na Europa ecoou a linha tomada pelo Papa João Paulo II de que esta politização das Igrejas missionárias era inaceitável, até mesmo perigosamente marxista. Mas nem toda cobertura da mídia européia era tão hostil. Quando vim a Forta-

leza pela primeira vez, em 1984, por exemplo, fiz um documentário de rádio sobre a Teologia da Libertação no Nordeste, o qual foi transmitido no serviço doméstico da BBC. Espero que isto dê uma idéia do Brasil “verdadeiro” que possa funcionar como contra-balanço para algumas das super simplificações e estereótipos completamente absurdos mais comuns.

O Serviço Mundial BBC, em particular, continua a encomendar reportagens mais objetivas – alguns podem dizer, mais otimistas – acerca dos desafios sociais do Brasil. Mas, a maior tendência da mídia na Europa é evitar sutilezas nas histórias sobre pobreza. Até mesmo o jornal britânico de esquerda progressista, *The Guardian*, retirou sua valiosa seção sobre o Terceiro Mundo, há alguns anos, sob pretexto de que não havia um número suficiente de leitores realmente interessado em notícias de profundidade. Contudo, alguns jornalistas ocidentais, tais como Jan Rocha e Sue Branford, conseguem ganhar a vida como *freelancers* cobrindo tanto histórias de “boas notícias” como de “más notícias” sobre o Brasil.

A quarta e última imagem estereotipada do Brasil na Europa que assinalo, aqui, é a de um país desenfreado no trato com o meio ambiente. Todas as crianças de ensino fundamental, na Europa Ocidental, aprendem sobre a destruição da Floresta Amazônica, a qual é lastimada não apenas por si mesma e pela perda da biodiversidade, mas também por seu impacto global em relação à mudança climática. A realidade é que todos os países fronteiriços da bacia Amazônica são culpados em maior ou menor extensão pela falha no freio ao desflorestamento. Mas, nas mentes dos europeus em geral, a Amazônia é no Brasil e, portanto, apenas o Brasil está envolvido. Estatísticas alarmantes são comumente impressas nos jornais europeus, mostrando que em um ano

X uma área do tamanho da Bélgica foi desmatada, enquanto em um ano Y foi apenas o equivalente a Luxemburgo, ou o que seja. O tema, certamente, é assunto legítimo de preocupação. Porém, as implicações Brazilianistas de muitas coberturas européias é que o governo brasileiro, ou o povo, ou ambos, são ambientalmente irresponsáveis e incapazes de administrar este importante recurso global, sozinhos. Qualquer um que estude a questão de perto, no entanto, compreende que o desflorestamento da região amazônica está longe de ser um problema simples, com toda sorte de fatores econômicos e sociais a serem considerados; nem todos eles são coisas que o governo em Brasília possa controlar. Além do mais, parte da pressão por desflorestamento ilegal é o resultado de uma demanda externa por carne bovina, colheita de alimentos ou biocombustíveis.

Recentemente, toda a questão acerca dos biocombustíveis tem acrescentado uma poderosa nova dimensão ao retrato estereotipado do Brasil como um inimigo ambiental. Quando o etanol e outros combustíveis à base de colheitas foram inicialmente desenvolvidos, a resposta internacional foi imensamente entusiasta, já que eles ofereciam uma alternativa aos combustíveis fósseis. Os elevados preços do petróleo também tornaram os biocombustíveis crescentemente competitivos. Entretanto, a brusca alta dos preços dos alimentos nos últimos meses tem virado muitos argumentos de cabeça para baixo. Como o Presidente Lula descobriu outro dia, quando estava nos Países Baixos, o Brasil de repente tem que se defender contra as acusações européias de que estimular os biocombustíveis está reduzindo as terras para produção alimentícia, causando não apenas alta dos preços dos alimentos, mas escassez e fome real, especialmente entre os pobres urbanos na Ásia e em outras partes do mundo em desenvolvimento.

No começo desta semana, Jean Ziegler, repórter especial das Nações Unidas sobre Right to Food (assim como professor de sociologia nas universidades de Gênova e Paris Sorbonne), chegou até a dizer em um programa de rádio alemão que os biocombustíveis são um crime contra a humanidade. Quase que da noite para o dia, sobre o assunto de biocombustíveis, o Brasil tornou-se de santo a pecador.

Se examinarmos estes quatro estereótipos – a terra do samba, violência, pobreza e descaso ambiental – o efeito acumulado é profundamente negativo. Como já observei, os próprios brasileiros são frequentemente críticos em relação à sua própria sociedade e ao seu próprio governo. Mas, poucos sustentariam que a imagem expressa por estes quatro estereótipos europeus representa um retrato justo ou preciso da realidade. A impressão predominante dada por eles é de um país cheio de “más notícias”, que os nativos tentam esquecer durante poucos dias loucos de escapismo no carnaval. Brazilianistas devem estar tentados a fazer uma analogia com a lenda do Imperador Nero tocando seu violino enquanto Roma queimava.

Sob esta ótica, a situação do Brasil não é sem precedentes. Nos anos 1980, houve um caloroso debate na Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) sobre a preponderância das histórias de “más notícias” acerca dos países em desenvolvimento na mídia ocidental. O então Diretor-Geral senegalês da UNESCO, Amadou Mahtar M'bow, estava especialmente preocupado com a representação negativa da África, como um continente negro da guerra, da fome e da doença. Esta cobertura da mídia gera entre os europeus a sensação de desesperança em relação ao futuro da África. Além disso, tal fatalismo contagiou também largamente o público africano, a ponto de alguns

africanos até lamentarem publicamente o fim do domínio colonial europeu.

O fato foi que em seus jornais, os africanos também estavam lendo histórias de “más notícias” sobre seu continente, porque os jornais na África são excessivamente dependentes das agências de notícias européias e norte-americanas, tais como *Reuters* (para a qual eu costumava trabalhar) ou nas reportagens das cadeias de serviços dos jornais Ocidentais, tal como *The Guardian* (para o qual ainda escrevo), para muitas das suas histórias. Aquela situação incitou o Sr. M'Bow, com o apoio de muitos países em desenvolvimento e do bloco soviético – até então existente – a buscar uma nova Ordem de Informação e Comunicação mundial. A visão idealista do Sr. M'Bow era a de que a dependência da mídia dos países em desenvolvimento, em relação às fontes ocidentais de notícia e informação, poderia ser quebrada se fontes alternativas destacando histórias de “boas notícias”, a maioria escritas por jornalistas oriundos dos próprios países em desenvolvimento, fossem estabelecidas e adequadamente fundamentadas. Um segundo pré-requisito para esta proposta de nova Ordem de Informação e Comunicação mundial era que aos governantes dos países em desenvolvimento deveria ser permitido exercer maior controle sobre o conteúdo das suas mídias nacionais, para assegurar a veiculação de uma melhor proporção de material positivo. Essa última sugestão provocou uma resposta raivosa por parte de vários governos ocidentais, os quais acusaram o Sr. M'Bow de promover a censura.

O assunto tornou-se uma das últimas grandes batalhas ideológicas da Guerra Fria. A Grã-Bretanha – então sob o governo da primeira-ministra Sra. Thatcher, a “Dama de Ferro” – uniu-se aos Estados Unidos na sua retirada da UNESCO e retenção de

fundos, o que quase deixou a organização de joelhos. O mandato do Sr. M'Bow como Diretor-Geral não foi prolongado e ele foi substituído por um diplomata espanhol, cuja principal tarefa foi tentar persuadir os Estados Unidos, em particular, a se reintegrar à organização. Uma pré-condição inevitável para isso era que a nova Ordem de Informação e Comunicação mundial fosse discretamente engavetada, como de fato o foi.

Um resultado positivo da briga foi o estabelecimento da *Rome-based Inter Press Service*, que sindicaliza artigos sobre temas de desenvolvimento frequentemente escritos por nativos dos países em questão e disponíveis a baixos custos para assinantes de jornais. Ainda mais importante, no entanto, tem sido o crescimento explosivo da mídia e comunicação dos últimos vinte anos. Isso significa que o público europeu agora usufrui de uma extraordinária cadeia de fontes de informação e análise, das dúzias de canais de televisão disponíveis, a cabo e por serviços de satélite, às centenas de estações de rádio digitais e, por último, porém não menos importante, a *Internet*. Assim, a mídia tradicional, sejam jornais ou emissoras de televisão nacionais ou regionais, não mais exerce o tipo de monopólio que costumava ter. Apesar disso, apenas um número limitado de telespectadores europeus sintoniza procurando serviços de televisão como o *Discovery Channel*, que transmite excelentes documentários sobre o Brasil e outras partes do mundo. É muito mais provável que assistam a novelas, incluindo as telenovelas brasileiras, que são muito populares no sul e leste europeus. Algumas dessas telenovelas contribuem para uma falsa imagem do Brasil, é claro.

A Grã-Bretanha é um país onde a Rede Globo e outras companhias brasileiras de mídia fracassaram enormemente na venda de programas que são

populares em outros lugares do mundo. A principal razão para isso é a língua. O público britânico é desacostumado a ver programas de TV em línguas estrangeiras com legendas em inglês. E detesta a prática de dublagem de diálogos com vozes traduzidas por atores, como é comum na Itália, por exemplo. Consequentemente, há muitas novelas americanas e australianas na televisão britânica.

Essa questão da língua tem uma importância que vai muito além da insularidade da Grã-Bretanha e sua notória relutância em aprender outras línguas. O fato de o Brasil ser um país de língua portuguesa exacerba os problemas do Brasilianismo europeu. Se tirarmos Portugal da equação, vemos então na Europa um continente onde o português, de fato, é falado por muito poucas pessoas. Isso inclui muitos dos jornalistas europeus que foram chamados a escrever sobre o Brasil e, portanto, têm que confiar em fontes de outras línguas, principalmente inglês e francês. Tais fontes são, por definição, secundárias e usualmente têm sido escritas por alguém sem o conhecimento adequado do português. Na Europa, o português é considerado uma língua marginal, assim como o grego, o que é um absurdo quando alguém olha a realidade objetivamente.

De fato, para o horror dos franceses, que têm visto o Francês cair do topo das dez línguas mais faladas no mundo, o Português é agora uma das dez mais, graças à enorme população do Brasil. Dentro da comunidade de países lusófonos, incluindo Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, ao português é dado seu devido valor. Mas não é uma língua oficial das Nações Unidas. Além disso, o Brasil não desempenha um papel significativo nos assuntos internacionais como sua população sugere que deveria. No entanto, esta situação pode mudar brevemente, e com isto, eu acredito

to, mudará a percepção europeia deste país. Explico, a seguir, por que e como.

Entramos no século XXI com instituições internacionais amplamente concebidas 50 anos antes, no final da Segunda Guerra Mundial. Isso é particularmente verdade no que se refere à própria Organização das Nações Unidas, bem como sobre as instituições financeiras globais como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Ainda assim, a situação do mundo, em 2008, é muito diferente da que era no final dos anos 1940. Se considerarmos a maquiagem do Conselho de Segurança da ONU, por exemplo, as cinco principais potências aliadas na Guerra – Grã-Bretanha, França, Rússia, China e Estados Unidos – foram dadas como membros permanentes. E essa situação vigora até hoje, embora o mundo tenha mudado. As duas nações derrotadas na guerra, Alemanha e Japão, podem agora legitimamente argumentar que deveriam ser membros permanentes do Conselho de Segurança, dada a dimensão de suas economias. Mas Índia e Brasil também podem. De fato, muitos governos europeus, incluindo a Grã-Bretanha, manifestaram apoio a esta ideia, dentro do quadro de uma ampla reforma das Nações Unidas. Isto não necessariamente significa que os novos membros permanentes do Conselho de Segurança como o Brasil receberiam o poder de veto. Mas significaria que eles teriam um lugar assegurado no topo da mesa em discussões sobre crises internacionais.

De modo semelhante, foi sugerido recentemente que o G8 – o tão chamado ‘clube dos ricos’ das avançadas nações industrializadas – deve ser ampliado para incluir Índia e Brasil. Os sete países originais eram Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália e Japão, sendo a Rússia adicionada depois, após o colapso do comunismo.

Há fortes argumentos para ampliar este importante fórum para torná-lo um G10 – ou até um G11, se e quando a China abandonar a ideologia política do comunismo. Na verdade, o problema tem sido debatido em importantes publicações como o *Financial Times* e o *Economist*.

A recorrência dos nomes da Rússia, China, Índia e Brasil não é coincidência, uma vez que essas quatro importantes nações têm sido reconhecidas na mídia financeira europeia, pelo menos como um grupo identificável de economias fortemente emergentes, destinadas a desempenhar um papel muito maior nos assuntos do século XXI. Elas adquiriram até sua própria sigla, composta de iniciais Europeias dos nomes individuais dos países: B R I C – o BRICs

Entre os BRICs, a China têm recebido até agora a maior parte da atenção, não apenas por conta das próximas Olimpíadas de Beijing, mas também porque a economia chinesa tem registrado, por muitos anos, um crescimento anual de dois dígitos e tornar-se-á, ainda durante o período da vida de muitas pessoas aqui nesta sala, a maior economia nacional do mundo. A China já tem a maior população, tornou-se o maior centro de manufaturas do mundo, e está rapidamente adquirindo a não invejável posição de maior poluidor do mundo. A Índia não fica muito atrás em todas essas frentes. E assim como a China, a Índia está tirando grande proveito das oportunidades oferecidas pela globalização. A Rússia também detém enorme poder, em grande parte por conta de seus vastos recursos energéticos. Além disso, a Rússia está mais uma vez estendendo suas forças políticas e militares no palco mundial. O que nos traz finalmente ao Brasil, nesta consideração sobre o BRIC's.

Até agora, o Brasil tem recebido muito menos atenção da mídia europeia em relação a questões

econômicas que a China, Índia ou Rússia. Porém, detecto uma mudança. Uma indicação precoce disso foram os relatórios sobre o modo como o Brasil demonstrou uma nova assertividade na conferência da Organização Mundial do Comércio Doha, Qatar, em Novembro de 2001. A delegação brasileira, lá, deixou claro que não estava preparada para ser excluída do núcleo de discussões importantes pelo G8, ou para, mansamente, aceitar políticas decididas por um pequeno grupo de países poderosos atrás de portas fechadas. Desde então, a União Européia – que lida com negociações comerciais, em nome de todos os seus 27 Estados membros – tem certamente dado ao Brasil uma atenção mais de perto. E penso que nós veremos esta situação reforçada na reunião de cúpula da UE com a Cúpula Latino-Americana, que está programada para ser realizada no Peru, no próximo mês.

A realidade, portanto, é que na UE e até no âmbito dos governos nacionais, na Europa, a percepção do Brasil está mudando. O país está crescendo em importância econômica e vem sendo notado, assim como a riqueza dos seus recursos naturais, incluindo o último achado de petróleo na baía de Santos. Assim, a nata da comunicação européia – os jor-

nais sérios e as revistas especializadas, notadamente – está começando a retratar o Brasil de um modo diferente. Este ainda não é o caso da mídia popular e, por conseguinte, não é o caso para a maioria da opinião pública européia. Entre eles, os estereótipos ainda permanecem: do samba, da violência, da pobreza e da irresponsabilidade ambiental. Entre eles, o Brasilianismo ainda é regra. E eu espero que reconhecendo a existência do Brasilianismo, também esteja predizendo sua iminente ruína. Jornalistas europeus, como eu, certamente têm um importante papel a desempenhar neste processo, comunicando mais da realidade e menos do mito. Mas, acredito que os brasileiros também precisam assumir suas responsabilidades, aqui, e provar para o mundo lá fora que os estereótipos são errados ou, pelo menos, representam lamentavelmente uma imagem muito incompleta do Brasil hoje. Você poderia começar mudando o remate do dizer que citei anteriormente, sobre o potencial do Brasil. Que tal “O Brasil é o país do futuro – e o futuro começa hoje!”

Texto traduzido por:

CLARICE SILVESTRE DOMINGOS.